

Painel / Linha temática 02

Cidades, Culturas e Sustentabilidades: políticas e públicos



Mesa 2.1

"Sustentabilidades e Políticas Urbanas"

Investigadores Convidados/Comentadores

André Brito¹
Claudino Ferreira²

Moderadora

Carolina Gontijo Lopes³

Coordenação

Carolina Gontijo Lopes

Data: 07 de dezembro, 6ª sessão

Oradores e Comunicações

47	Ricardo Manuel Ferreira de Almeida	ricardomfa@hotmail.com	Teatro amador em Portugal, políticas e públicos	UM
152	Débora Garreto Borges; Carolina Maria de Araujo Martins Silva Leite	debora.garreto@gmail.com	O cotidiano e as práticas nos espaços públicos urbanos	UFRJ UTL
210	Luany Promenzio	lpromenzio@yahoo.com.br	Subjetividades e práticas segregativas	UC
120	Francisco Assis/ Ricardo Lopes	shykogeo@gmail.com e batistalopes@hotmail.com	Da representação das cidades inseguras a produção dos condomínios horizontais e loteamentos fechados na cidade de Vinhedo-SP,	USP/ UNESP

¹ André de Brito Correia é investigador do Centro de Estudos Sociais, integrando o Núcleo de Estudos Sobre Cidades, Culturas e Arquitectura. Doutorou-se na área da Sociologia da Cultura, do Conhecimento e da Comunicação na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e na Ecole des hautes études en sciences sociales (Paris), tendo apresentado uma dissertação de doutoramento sobre a experiência teatral. É docente de Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

¹ Professor Auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigador do Centro de Estudos Sociais. Membro do núcleo de Estudos sobre a Cidade, Cultura e Arquitetura. Co-Coordenador do Programa de doutoramento em “Cidades e Culturas Urbanas” de Ciências Sociais. Doutorado em sociologia em 2006. Área de interesse: Cidades e Culturas urbanas; Práticas e políticas culturais; intervenção cultural nas cidades; Turismo, lazer e estilos de vida.

³ Doutoranda no curso de sociologia - Cidades e Culturas Urbanas da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal (2012). Mestre em Lazer pela Faculdade de Educação Física da UFMG (2012). Graduada na Licenciatura em Educação Física (2005) e no Bacharelado em Recreação e Lazer (2001) na UNICAMP. Estuda a área da Educação Física pela abordagem sociológica das práticas culturais com ênfase no lazer, nos espaços públicos, na mobilidade urbana e na atuação profissional.

Teatro amador em Portugal: políticas e públicos

A ditadura fascista que governou Portugal durante cerca de quarenta anos indicia, ainda nos tempos que correm, a sua marca. Enquanto acção política que pretendeu ser totalitária, regeu formas de vida colectiva a que o teatro não escapou. Nele sobressai com particular nitidez o elemento discursivo que utiliza a cultura popular como prisma de observação e activação de práticas sociais. Fundados na investigação efectuada para a elaboração de uma tese de doutoramento em Sociologia, tomamos especial atenção ao teatro amador e sua promoção nestas instâncias.

Acreditamos que no actual teatro amador se apuram formas e penetrações de modelos de fazer teatro marcados pela influência do romantismo, naturalismo realista e estruturas educativas herdadas do Estado Novo, assim como cremos, também, que este conjunto de propostas criou raízes na estética posterior e norteou as percepções dramáticas patentes nos exemplos que observamos. É este o nosso objectivo: tentar mostrar as interpenetrações entre a estética teatral e a sociedade, uma vez que a produção artística, a inteligibilidade estética e a acção colectiva são produtos do homem.

Palavras - chave: teatro; cultura popular.

⁴ Ricardo Manuel Ferreira de Almeida, licenciado em Antropologia Social pelo ISCTE, Mestre em Sociologia pela FEUC e Doutor em Sociologia pela UM, docente universitário, formador, actor, activista cultural.

O cotidiano e as práticas nos espaços públicos urbanos

As contínuas alterações nas práticas socioespaciais na contemporaneidade repercutem de forma direta, concreta e visível no espaço público. Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de considerar as potencialidades do espaço público urbano como lugar de exercício da cidadania, considerando a relevância do estudo do cotidiano como expressão da singularidade, da especificidade e do caráter identitário da cultura. Parte-se da hipótese que sistematizar estudos científicos a partir da realidade da vida cotidiana aparece como uma resposta para que cidades se individualizem e através de sua cultura marquem seu lugar no cenário mundial. A vida útil de um lugar, está vinculada à possibilidade de constante apropriação deste pelo público usuário. Deste modo as contínuas transformações do espaço público produzem a necessidade de pensar e repensar o caráter, e a forma da vida cotidiana e dos *novos espaços públicos*, pois a presença de lugares públicos é uma das particularidades que caracterizam a cidade, agora e sempre.

Palavras-chave: cotidiano; uso; espaço público urbano.

⁵ Débora Garreto Borges é Arquiteta e Urbanista - FAU/UEMA [Universidade Estadual do Maranhão] Mestre em Desenvolvimento Urbano - MDU/UFPE. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo /PROURB - FAU - UFRJ, Bolsista CAPES

⁶ Carolina Martins de Araújo M. S. Leite é Arquiteta e Urbanista - - FAU/ UEMA [Universidade Estadual do Maranhão]. Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico - Universidade de Évora. Doutoranda em Urbanismo – UTL/ Lisboa. Bolsista FAPEMA.

Subjetividades e práticas segregativas

A desigualdade social, tema amplo e bem difundido em diversas áreas do conhecimento, pode ser estudada e explorada sobre diferentes óticas de análise. Iniciando um debate em torno de como alguns grupos de classe interferem na manutenção e reprodução dessas desigualdades, parto de uma observação articulando as concepções entre espaço geográfico e espaço social e de como o posicionamento dentro desses espaços podem contribuir nas práticas segregativas e, portanto na configuração dos espaços urbanos. Pierre Bourdieu ao analisar o sentido das práticas através experiência social de classe ou fração de classe, cria condições de verificar as estruturas desiguais das sociedades contemporâneas a um plano mais amplo. Sendo assim, o Espaço Social para o autor aparece como um local fictício, uma “realidade invisível” (Bourdieu, 1994, p. 10). Constituído de acordo com três dimensões, volume de capital, estrutura do capital e evolução dessas duas propriedades no tempo (Bourdieu, 2012, p. 195), sua distribuição de capitais é dada primeiramente pelo volume global de capital sobre diferentes espécies e segundo, pelo peso relativo dessas espécies nesse volume total de capital, condicionando as relações e determinando a estrutura conforme a classe, que varia de acordo com os diferentes estilos de vida e reprodução do habitus (Bourdieu, 1994, p. 7). A similaridade ou diferença destes vai direcionar os agentes para posições mais próximas ou mais afastadas. Quanto mais comum, maior a aproximação, e quanto maior a diferença, maior a distância entre os agentes, ou grupos de agentes dentro desse espaço social. O conceito de habitus surge como uma variável central para verificar essa similaridade ou diferença (Bourdieu, 2012, p. 271).

Entender como agem determinados grupos e compreender as subjetividades e os mecanismos de demarcação social no espaço urbano torna-se essencial para perceber o que norteia as práticas segregativas e principalmente como seus estilos de vida e habitus podem interferir na configuração do espaço e na restrição destes ao acesso de grupos pertencentes a outro posicionamento na estrutura social.

Palavras-chave: espaço geográfico; espaço social; *habitus*.

⁷ Doutoranda e Mestre em Sociologia pela Universidade de Coimbra, graduada em Ciências Econômicas pela Faculdade de Economia e Administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (FEA/PUC-SP). Trabalhou em instituições como Fundação do Desenvolvimento Administrativo Público (FUNDAP), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) ambas pertencentes ao Governo do Estado de São Paulo e Departamento Intersindical de Estudos Econômicos e Socioeconômicos (DIEESE). Entre 2009 e 2011 assessorou a Secretaria de Finanças do Município de Osasco – SP. Atualmente estuda as demarcações espaciais e subjetividades de classes no espaço público como mecanismos de reprodução das desigualdades sociais.

Da representação das cidades inseguras a produção dos condomínios horizontais e loteamentos fechados na cidade de Vinhedo-SP, Brasil.

Este trabalho tem como intuito demonstrar como o modelo de moradia, condomínios horizontais e loteamentos fechados tem se expandido nas cidades localizadas as margens dos eixos rodoviários de ligação entre as Regiões Metropolitanas de Campinas e São Paulo, Estado de São Paulo (Brasil), destacando-se como uma forma específica de uso e ocupação do solo que conduz a uma forte segregação urbana. Nesse contexto, aprofundamos nossas análises sobre a cidade de Vinhedo, que teve seu desenvolvimento urbano residencial atrelado a lógica de representação de cidades inseguras, sobretudo nas cidades de Campinas e São Paulo. Atualmente Vinhedo apresenta 36 empreendimentos horizontais fechados, incluindo alguns dos mais antigos da Região Metropolitana de Campinas, estabelecidos na década de 1970. Na região, o município de Vinhedo se destaca por abrir caminho a uma reestruturação da concepção de periferia em áreas metropolitanas. No intento de conceber como se dá a gênese desse processo na cidade, tanto no espaço como no tempo, consideramos como ponto de partida teórico, a transição das formas de análise da cidade, ou seja, do modelo clássico "centro-periferia" para um novo modelo, pautado na reestruturação urbana a partir de novas centralidades. Partimos da premissa de que a centralidade única não retrata a realidade urbana atual, pois a noção de centro e periferia não explica mais a localização dos diferentes grupos sociais na cidade nem o surgimento de novas formas de uso e ocupação, ou produtos imobiliários exclusivos para as classes média e alta, assim como não retrata as novas condições de segregação social. Nessa perspectiva acentuamos nossa discussão em torno da reestruturação urbana ocorrida após 1970 no eixo de ligação entre Campinas e São Paulo. Nesse processo, analisamos a partir das novas centralidades, questões a nosso ver fundamentais para compreensão do "fenômeno" condomínios horizontais e loteamentos fechados, entre os quais: a violência, a mobilidade e infraestrutura rodoviária, o marketing imobiliário, a natureza, o status e a exclusividade.

Palavras-chave: Insegurança, novas centralidades, condomínios horizontais e loteamentos fechados, Vinhedo, Brasil.

⁸ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Física - FFLCH, USP, São Paulo – Brasil. Bolsista CAPES.

⁹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - FCT, UNESP, Presidente Prudente – Brasil. Bolsista CAPES/FCT.